

Os encantos da Serra da Mantiqueira

Terras mineiras guardam uma variedade de municípios encantadores e famosos pela beleza natural e pela produção de alta qualidade de especiarias como queijos, azeites e cachaças

Reprodução/Governo de Minas Gerais

POR PEDRO GRIGORI

A cerca de 1,1 mil quilômetros de distância de Brasília, uma região de terras altas atrai visitantes que procuram por opções variadas de turismo de experiência, gastronômico e de natureza. A cadeia de montanhas da parte mineira da Serra da Mantiqueira, que se estende ainda pelos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, vem se fidelizando como destino ideal para um público diversos, que vai desde casais que buscam passeios românticos em áreas de frio, passando pelos aventureiros que gostam de explorar a natureza, até famílias interessadas em experimentar a gastronomia típica de um estado reconhecido pela mesa farta.

No inverno, chega-se a fazer menos de 0°C nos picos mais elevados da região, que engloba 25 municípios mineiros. O aeroporto mais perto é o de Varginha (MG). Partindo de Brasília, há diversas opções de ônibus interestaduais, mas o melhor modo de conhecer a região é de carro, por dar a oportunidade de descobrir municípios encantadores, como Aiuruoca. Mesmo tendo um vasto território, o local abriga uma população pequena, de cerca de 6 mil habitantes, que vivem predominantemente em áreas rurais.

Emoldurado pelo Pico do Papagaio, o município é marcado por cachoeiras e montanhas, e se apresenta para o público como “a terra do queijo prato, do azeite e da cachaça”. Também é famoso por abrigar festas típicas durante todo o ano. Um dos destaques é o carnaval antecipado, o mais antigo do Brasil.

“A festa começou depois de uma briga da Igreja Católica com a população. O padre proibiu o carnaval, e o povo, entristecido, pediu para ser comemorado depois da data. O padre negou por causa do início da quaresma, e então decidiu fazer a festa uma semana antes. Começamos em 1938 e somos reconhecidos como o primeiro carnaval antecipado do país”, diz o secretário municipal de Turismo, Gilberto Furriel.

Mas para quem não é baladeiro, uma opção é a Semana Santa de Aiuruoca, comemorada desde 1717 e tombada como Patrimônio Cultural e Imaterial. A celebração segue com os rituais tradicionais da Igreja Católica, como as missas celebradas inteiramente em latim e música barroca apresentada pela centenária Orquestra e Coral de Aiuruoca.

A sede de Aiuruoca está localizada a 989 metros de altitude, aos pés do Pico do Papagaio, montanha símbolo da cidade. O nome do município vem da união de duas palavras do tupi-guarani: *ajuru* +

oca, de uma espécie chamada papagaio-de-peito-roxo. A ave já esteve quase extinta, mas voltou à fauna do município graças ao trabalho de conservação feito na fazenda Campo do Meio.

O economista paulista Nélio Weiss comprou a fazenda em 1993, com o objetivo de tornar o local um refúgio para fins de semana longe da agitação de São Paulo. No entanto, a área estava bastante degradada, principalmente pelas constantes queimadas na região. Nélio começou um trabalho de reflorestamento, que em menos de três décadas resultou em mais de 40 hectares de Mata Atlântica reflorestados do zero.

Atualmente, a área da fazenda chega a 140 hectares, dos quais 18 estão ocupados por oliveiras que produzem um azeite de alta qualidade e com baixa acidez, o *Olibi*. Mas desde que conheceu a região, algo incomodava Nélio: Aiuruoca não ter mais o animal que lhe nomeou. “O papagaio-do-peito-roxo já não era visto na cidade havia mais de uma década, e meu sonho era um dia poder reintroduzi-lo na natureza.”

Com esse sonho, ele procurou o Ibama e fechou um acordo para um projeto de reintrodução de aves na natureza e um mantenedouro científico. Desde 2007, o instituto envia para o local aves que foram retiradas do mercado de contrabando, e lá elas passam por um processo de reabilitação antes de voltar para a natureza.